

As concepções de alunos do 2.º Ciclo do Ensino Básico sobre o ensino e a aprendizagem da Gramática do Português

Valter Rato, Susana Pereira e Bianor Valente¹

Resumo

Há já algum tempo que a Gramática tem vindo a ser catalogada como uma competência problemática no ensino-aprendizagem do Português (Silva, 2016). A literatura e os estudos que envolvem como participantes professores e alunos dos mais diversos ciclos de ensino têm confirmado esta perceção (Ferreira, 2012, 2018).

Deste modo, uma larga maioria de docentes confessa: (i) desvalorizar o trabalho da Gramática a favor das restantes componentes da língua (Silva & Pereira, 2017); (ii) promover atividades, na sua generalidade, de natureza dedutiva/expositiva (Pereira, 2010); (iii) apresentar dificuldades numa dimensão científica e pedagógica (Cardoso, Pereira, Leite & Silva, 2018); (iv) ter havido uma instabilidade de programas educativos oficiais e a falta de uma terminologia linguística uniformizadora (Viegas & Teixeira, 2019).

No mesmo sentido, os alunos têm apresentado resultados francamente insatisfatórios em exercícios de explicitação gramatical (Ucha, 2007) e evidenciam valorizar outras competências da sua língua materna (Sim-Sim & Rodrigues, 2006). Face ao referido, a literatura tem veiculado a ideia de que os alunos não se sentem motivados nem gostam de aprender Gramática (Gorgulho & Teixeira, 2016).

Não obstante, os estudos são escassos quando se pretende saber, de uma forma mais precisa, as concepções que os alunos apresentam a respeito da competência gramatical. No entender de Madeira (2005), as concepções influenciam o processo de ensino-aprendizagem dos professores e dos alunos pelo que se torna importante conhecê-las.

Desta forma, foi desenvolvido, em seis turmas do 2.º Ciclo do Ensino Básico (2.º CEB) de uma escola localizada na área metropolitana de Lisboa, um estudo empírico de natureza mista, que visa precisamente conhecer as concepções dos alunos sobre o ensino e aprendizagem da Gramática. Definiram-se os seguintes objetivos gerais que suportaram a investigação: (i) conhecer as concepções dos alunos de 2.º CEB sobre o ensino e a aprendizagem da Gramática do Português; (ii) relacionar as suas concepções com os desempenhos que apresentam; (iii) caracterizar, de acordo com as perceções dos alunos, as diferentes metodologias adotadas pelos docentes no ensino dos conhecimentos gramaticais; (iv) e relacioná-las com as concepções e com os desempenhos escolares dos alunos.

Para a concretização destes objetivos, foi aplicado um inquérito por questionário, com o objetivo de se traçar os vários perfis de alunos do 2.º CEB, tendo em conta o seu nível de conhecimento gramatical e as concepções que apresentam sobre a componente da língua em estudo. Posteriormente, foi dinamizado um *focus group* como forma de se aprofundar algumas respostas fornecidas pelos participantes no questionário, tendo por base os perfis definidos, e de se conhecer mais algumas concepções que os alunos possam partilhar em grupo.

Face ao exposto, a recolha e a análise dos dados permitirão responder a questões da investigação, tais como: (i) Que concepções apresentam os alunos do 2.º CEB sobre o ensino e a aprendizagem da Gramática?; (ii) Em que conteúdos os alunos consideram ter uma maior/menor facilidade de aprendizagem?; (iii) Será que os alunos do 2.º CEB gostam de aprender Gramática?; (iv) Em que atividades se baseia o ensino da gramática?; (v) Que tipo de atividades os alunos preferem?

Palavras-chave: 2.º Ciclo do Ensino Básico; Concepções; Gramática; Português

Abstract

Grammar has been considered a problematic competence in the teaching and learning of the Portuguese Language for a long time (Silva, 2016). Literature and research involving the participation of teachers and students of the most varied levels of study have confirmed this perception (cf. Ferreira, 2012, 2018).

Consequently, a large part of scholars admits it relates to the following: (i) diverting from working with Grammar on behalf of the remaining aspects of language (Silva & Pereira, 2017); (ii) promoting activities, that are,

¹ Escola Superior de Educação de Lisboa.



in general, of deductive / expository nature (Pereira, 2010); (iii) having scientific and pedagogic difficulties in the area (Cardoso, Pereira, Leite & Silva, 2018); (iv) feeling instability as a result of the lacking of a uniform linguistic terminology and of a stable official syllabus (Viegas & Teixeira, 2019).

Following this logic, the students have presented particularly unsatisfactory results in grammar explication exercises (Ucha, 2007), and they provide evidence of prioritising other requirements of their mother tongue (Sim-Sim & Rodrigues, 2006). Considering what was referred to, literature has disseminated the idea that students don't feel motivation or enthusiasm in learning Grammar (Gorgulho & Teixeira, 2016).

However, research focusing on students' perceptions of their grammatical competence is scarce, even though, according to Madeira (2005), these conceptions influence the teaching-learning process and are, therefore, an important aspect to consider.

Thus, an empirical mixed-method study was developed in six classes of primary education (2.º CEB) in a school located in Lisbon metropolitan area. The aim of the study was to identify in detail students' conceptions of the teaching and learning of Grammar. The research was driven by the following general aims: (i) to identify the target students' conceptions about the teaching and learning process of Portuguese Grammar; (ii) to relate their conceptions with their grammatical performance; (iii) to characterise the different approaches and methods adopted by the teachers when teaching grammatical competences (iv) and relate them with the students' conceptions and academic performance.

To achieve these goals, a survey was applied to investigate the different profiles of the primary education Students, their level of grammatical knowledge and the conceptions they have about this Language component. Subsequently, students' profiles were used to create a student focus group. The focus-group discussion was organised as a means of exploring in more depth some of the answers given in the survey. The discussion also allows the identification of additional, common conceptions among the students.

In view of the considerations above, the gathering and analysis of the data will enable to answer questions such as: (i) What are the conceptions held by the primary education students about the teaching and learning of Grammar?; (ii) Which contents are more/less difficult to the students?; (iii) Do the primary education students like to learn Grammar?; (iv) Which activities support grammatical teaching?; (v) What kind of grammar activities do students prefer?

Keywords: Primary education; Conceptions; Grammar; Portuguese Language

Introdução

Neste artigo, são apresentados os principais resultados de um estudo desenvolvido com o objetivo de conhecer as concepções de alunos de 2.º CEB sobre o ensino e aprendizagem da Gramática (Rato, 2021).

O artigo está organizado em cinco partes, articuladas entre si: (i) a introdução, a que presentemente se reporta; (ii) uma breve contextualização teórica da temática em estudo; (iii) um breve enquadramento metodológico sobre a investigação desenvolvida; (iv) a apresentação e a comparação de alguns resultados obtidos; e, por fim, (v) algumas considerações finais.

Problemática

A Gramática do Português tem assumido, desde há muitos anos, um estatuto problemático no domínio de ensino do Português, que se tem verificado ao longo dos vários ciclos de ensino (Pereira, 2010; Silva, 2016).

Esta visão da Gramática pode ser justificada por vários aspetos, de entre os quais: (i) as mudanças dos programas oficiais de Português, ao longo dos anos; (ii) as constantes alterações da terminologia gramatical; (iii) as práticas e as concepções que os professores de Português apresentam sobre a componente da língua em estudo; e (iv) as concepções e os resultados escolares nada animadores que os alunos apresentam em exercícios de explicitação gramatical.

Relativamente ao primeiro aspeto, é sabido que a mudança dos programas oficiais em Portugal é uma prática recorrente, sobretudo, nos últimos vinte anos. Estes programas foram veiculando pressupostos teórico-práticos divergentes, coexistindo também com referenciais antagónicos (Rodrigues, 2017).

Deste modo, o programa de 1991 assumia um lugar periférico da Gramática em relação às outras competências do Português (Viegas, 2013). Neste caso, a Gramática assumia apenas uma visão instrumental, trabalhando-se quando esta surgisse “a propósito do erro ou do desvio à norma” (Costa et al., 2011, p. 24).

No entanto, no *Currículo do Ensino Básico – Competências Essenciais* (cf. Ministério da Educação, 2001) e no programa de 2009 (cf. Reis, 2009), a Gramática assumia-se como uma competência nuclear, isto é, tão importante como as restantes competências do Português, contribuindo, igualmente, para o sucesso das mesmas. Segundo Costa et al. (2011), este último documento assentava na ideia de que se devia trabalhar a Gramática, denominada aqui por Conhecimento Explícito da Língua, partindo do conhecimento intuitivo, ou seja, do conhecimento implícito que os alunos possuem à entrada da escolaridade.

Por conseguinte, aquando do programa de 2015 (cf. Buescu et al., 2015), vários autores posicionaram-se de forma diferente relativamente aos pressupostos que estão explícitos neste documento. Já as *Aprendizagens Essenciais* (cf. Ministério da Educação, 2018a; Ministério da Educação, 2018b) parecem trazer um papel de destaque da Gramática enquanto competência autónoma a par das restantes competências do Português.

A instabilidade ao nível da nomenclatura gramatical pode explicar, igualmente, o estado da Gramática. Sabendo-se, a partir do senso comum, que os docentes de Português utilizavam terminologias gramaticais divergentes para um mesmo conteúdo, surgiu a Terminologia Linguística para o Ensino Básico e Secundário (TLEBS). Esta foi instituída, a título experimental, em 2004 e, definitivamente, no ano de 2007, substituindo a Nomenclatura Gramatical Portuguesa, datada de 1967. Depois de alguma polémica, de alguns estudos e de algumas reflexões, a TLEBS deu origem ao atual *Dicionário Terminológico* e que pode ser consultado em linha².

No que diz respeito às conceções e às práticas dos docentes de Português no ensino de conteúdos gramaticais, a literatura e os estudos empíricos realizados nos diversos ciclos de ensino têm sido, de uma forma geral, coincidentes.

As estratégias usadas pelos professores são, na esmagadora maioria das vezes, de natureza dedutiva/transmissiva do saber (Pereira, 2010; Ferreira, 2012). Desta forma, o professor começa por expor as regras gramaticais que depois são mobilizadas em exercícios de treino, não havendo, todavia, lugar à reflexão nem à descoberta de conhecimento linguístico.

Também é referido na literatura e em alguns estudos empíricos que os docentes possuem dificuldades ao nível do seu conhecimento científico e didático na área do Português em estudo (Silva & Pereira, 2017). Uma possível consequência reside no facto de não gostarem e de não se sentirem motivados no ensino de conteúdos gramaticais. Com efeito, estes dados fornecem algumas pistas para uma maior intervenção na formação inicial e contínua de professores. Não obstante, nos estudos de Ferreira (2012) e de Cardoso et al. (2018), a referida proposição não se verifica, sentindo-se muitos professores inquiridos motivados para o ensino da Gramática e atribuindo importância à referida área de descrição da língua.

Outros dois aspetos discutidos são, por um lado, o facto de os professores não considerarem a Gramática uma competência nuclear, privilegiando, na maioria das vezes, as competências da Leitura e da Escrita (Sim-Sim & Rodrigues, 2006; Lopes et al., 2014). Todavia, no estudo de Silva (2010), de Ferreira (2012) e de Cardoso et al. (2018) muitos docentes inquiridos reconheceram dedicar muito tempo em sala de aula ao trabalho de conhecimentos gramaticais.

Por outro lado, a literatura tem evidenciado, igualmente, que os professores não articulam a Gramática com as restantes componentes da língua. As aulas e, por conseguinte, os exercícios surgem, assim, descontextualizados das competências da sua língua materna, não havendo o reinvestimento do conhecimento gramatical.

Tendo em conta o mencionado, será que os alunos são da mesma opinião dos seus professores?

Para começar, importa referir que existe pouca literatura e poucos estudos no que se referem às conceções dos

² <https://dt.dge.mec.pt/>

alunos sobre o seu conhecimento gramatical, sobretudo no ensino básico. Ainda assim, é partilhado por professores e investigadores que os alunos não gostam nem se sentem motivados por aprender Gramática (Cardoso, 2008; Gorgulho & Teixeira, 2016). Uma das provas desta asserção reside nos resultados, francamente insatisfatórios, que os alunos, dos mais diversos ciclos de ensino, revelam em exercícios de explicitação gramatical tanto em provas de avaliação internas como externas (Sim-Sim & Rodrigues, 2006; Ucha, 2007; Silva, 2010; Castanheira, 2015; Simões & Castanheira, 2018; IAVE; 2019).

Alguns estudos pontuais dão conta de algumas concepções que os alunos possuem a respeito da competência que se encarrega da descrição da língua.

Sim-Sim e Rodrigues (2006), num estudo dirigido a alunos do 9.º ano de escolaridade, perceberam que a maioria dos participantes atribuiu uma menor importância à Gramática, quando comparada com as outras competências do Português. Estes indicaram também a falta de gosto e de interesse em estudar os conteúdos gramaticais, aspeto que é concordante com o que a literatura tem evidenciado ao longo dos anos.

Ferreira (2018), aquando da realização de um estudo a futuros professores de Português do 1.º e do 2.º CEB, conseguiu confirmar, mas também refutar alguns aspetos veiculados. No primeiro caso, a maioria dos participantes em final de curso indicou que sentiria dificuldades no ensino da Gramática, ao nível do seu conhecimento científico e didático. Por outro lado, uma maioria considerável de estudantes, em final de curso, referiu sentir motivação em desenvolver atividades de conhecimento gramatical. Todos também consideraram importante esta área do Português, afirmando muitos dos estudantes a relevância em promover-se a articulação entre todas as componentes da sua língua materna.

A investigação desenvolvida por Cardoso et al. (2018), com estudantes de um curso que fornece habilitação para a docência, permitiu confirmar também o que se tem vindo a afirmar.

Enquadramento metodológico

Tal como mencionado, são poucos os estudos que tenham como objetivo conhecer as concepções dos alunos: se gostam ou não da Gramática; por que razão apresentam tantas dificuldades nesta área do Português, em comparação com os resultados que apresentam na Leitura e na Escrita; entre outros.

Já desde há alguns anos, vários autores e investigadores (Lima, 2007; Garcia, 2013) têm chamado a atenção para a necessidade de se conhecer e caracterizar as concepções e crenças dos professores e dos alunos.

As concepções são aspetos tácitos e, por isso, não diretamente observáveis, mas que interferem no pensamento e na prática de cada um. Madeira (2005) sintetiza esta ideia, afirmando que “No campo de ensino / aprendizagem de línguas, o interesse no estudo de crenças surgiu devido à influência que exercem no processo de ensino / aprendizagem: influenciam o fazer do professor e o processo de aquisição dos novos conhecimentos pelo aluno.” (p. 19).

Face ao referido, foi possível delinear os seguintes objetivos gerais que guiaram a investigação desenvolvida: (i) conhecer as concepções dos alunos de 2.º CEB sobre o ensino e a aprendizagem da Gramática do Português; (ii) relacionar as suas concepções com os desempenhos que apresentam; e (iii) caracterizar, de acordo com as experiências dos alunos, as diferentes metodologias adotadas pelos docentes no ensino dos conhecimentos gramaticais; (iv) relacioná-las com as concepções e com os desempenhos académicos dos alunos.

Em conformidade com os objetivos gerais apresentados, desenhou-se um estudo empírico de acordo com uma metodologia de natureza mista. Desta forma, integraram-se procedimentos quantitativos e qualitativos.

Em relação à abordagem marcadamente quantitativa, optou-se por administrar um inquérito por questionário baseado em alguns questionários já construídos, com posterior análise estatística. Este encontrava-se estruturado em três partes: (i) caracterização sociodemográfica dos participantes do estudo; (ii) caracterização das concepções destes; e (iii) caracterização do seu nível de conhecimento explícito da língua.

Com este instrumento de recolha de dados foi possível traçar vários perfis de alunos do 2.º CEB, tendo em conta o seu nível de conhecimento gramatical e as concepções que apresentavam sobre a área da língua em estudo. Os exercícios contemplados, ao nível do conhecimento gramatical, foram escolhidos, tendo em conta os resultados

obtidos por alunos em provas de avaliação externa (cf. Castanheira, 2015). Desta forma, conseguiu-se comparar e verificar com dados concretos se a tendência se manteria no que diz respeito aos conteúdos em que os discentes apresentavam dificuldades e os que apresentavam facilidade na sua mobilização.

Os exercícios referidos estavam contemplados em vinte e uma questões. Foi atribuído um ponto a cada resposta certa, o que significa que, se os alunos acertassem em todas elas, teriam vinte e um pontos. Os conteúdos abarcados nas questões são os seguintes (Tabela 1):

Tabela 1

Conteúdos específicos por pergunta do questionário

Perguntas	Conteúdos específicos
10 e 11	Identificação de funções sintáticas: sujeito e predicado
12	Substituição de constituintes por pronomes pessoais clíticos com a função sintática de complemento direto e de complemento indireto
13	Identificação de palavras pertencentes à classe e subclasse de palavras
14	Flexão em grau de adjetivos regulares
15	Relações de concordância entre sujeito e predicado

À exceção da última questão, que apelava mais a uma reflexão sobre a língua, convocando a capacidade de fazer juízos de gramaticalidade e de justificar essa avaliação, as restantes questões tinham como objetivo a mobilização do conhecimento explícito da língua, em tarefas de identificação e análise de estruturas linguísticas.

Já na abordagem qualitativa, optou-se por realizar um *focus group*. Os dados dele resultantes e as perguntas de natureza aberta do questionário foram analisados através de análise de conteúdo (cf. Esteves, 2006). Pretendeu-se, com a realização do *focus group*, aprofundar e conhecer outras conceções que os alunos partilharam no questionário.

A amostra do estudo foi composta por 31 alunos³: 18 alunos do 5.º ano e 13 alunos do 6.º ano. Os participantes frequentavam uma escola do concelho de Almada (área metropolitana de Lisboa).

Face ao mencionado, recorreu-se ao Estudo de Caso como uma estratégia de investigação. Na opinião de Alves (2007) e de Bell (2010), o Estudo de Caso consiste num estudo intenso, profundo e pormenorizado de um caso em específico durante um tempo limitado.

Apresentação e comparação dos resultados

Os resultados serão apresentados de acordo com os dois instrumentos de recolha de dados delineados.

Na primeira questão do inquérito por questionário, os alunos tinham de referir se gostavam de aprender e trabalhar Gramática. Neste sentido, a maior parte dos alunos escalonou as suas respostas entre o Gosto pouco (22.6%) e o Gosto (51.6%).

Na pergunta seguinte, os participantes do estudo revelaram se consideravam importante aprender Gramática. Assim sendo, 51.6% dos discentes consideraram importante aprender esta área do Português. Por conseguinte, com base na média destas duas questões, é possível concluir que os alunos conferiram um maior valor à importância que atribuem à Gramática do que à sua apetência, ou gosto, pela aprendizagem desta competência do Português. O grau de correlação entre a perceção dos alunos quanto ao gosto e à importância atribuída à aprendizagem da Gramática é média e positiva, isto é, quando o gosto pela aprendizagem por esta competência aumenta, a importância atribuída à importância dessa aprendizagem também aumenta ($r=0.415$, $p=0.02$).

³ Apesar de o estudo ter tido mais alunos elegíveis para fazerem parte da amostra, nem todos entregaram as autorizações enviadas para os seus respetivos encarregados de educação.

Na questão sobre a percepção da dificuldade/facilidade na realização de tarefas relacionadas com a Gramática, mais de metade dos inquiridos considera as tarefas relacionadas com Gramática um pouco difíceis. Apenas 3.2% dos alunos considera as tarefas, de um modo geral, muito fáceis.

Foi também questionado aos discentes que conteúdos, ao longo do seu percurso escolar, tinham sido mais difíceis para si aprender. Os conteúdos com uma maior taxa de incidência são aqueles que são trabalhados pelos alunos desde o 1.º CEB, nomeadamente, indicar o prefixo e o sufixo de uma determinada palavra, identificar os graus dos adjetivos e conjugar verbos nos tempos/modos pedidos.

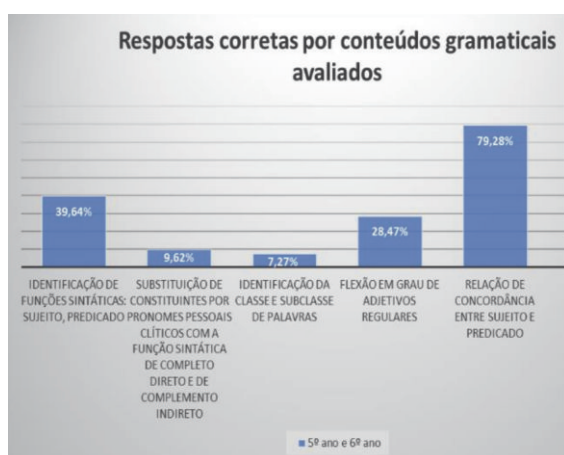
Nas duas perguntas de resposta aberta, os alunos tinham, por um lado, de justificar se consideravam importante ou não aprender Gramática; por outro lado, tinham de apresentar uma definição desta componente do Português.

De uma forma geral, os alunos referiram que aprender Gramática é necessário para o seu sucesso escolar e para o seu desenvolvimento pessoal. Quatro alunos afirmaram sentir gosto por aprender esta área do Português. Pelo contrário, o mesmo número de alunos desinteressava-se por esta componente da sua língua materna. Ainda assim, de acordo com as unidades de registo por indicador, é possível afirmar que, de uma forma geral, os alunos sentem-se motivados, aquando do trabalho de conteúdos gramaticais, e atribuem importância a esta área, por exemplo, para o sucesso das restantes competências do Português. Com efeito, os inquiridos têm uma visão instrumental da Gramática do Português.

Quanto às questões de conhecimento explícito da língua, apresenta-se o seguinte gráfico (Figura 1) que resume os desempenhos dos alunos nos diversos conteúdos⁴.

Figura 1

Média, por ciclo de escolaridade, das respostas às perguntas de conhecimento explícito da língua



Como se pode verificar (excetuando o último conteúdo do gráfico), os discentes apresentaram resultados francamente insatisfatórios nos exercícios gramaticais que apelavam mais à sua memorização e à mobilização da terminologia gramatical. A percentagem de respostas é muito baixa, situando-se numa média negativa. É de destacar a identificação da classe e subclasse de palavras que apresenta menos de 8% de taxa de sucesso.

Estes resultados vão ao encontro do que é referido na literatura e nos vários estudos empíricos desenvolvidos ao longo dos anos: os alunos, dos mais diversos ciclos de ensino, manifestam grandes dificuldades em exercícios de explicitação gramatical (cf. Ucha, 2007; Simões & Castanheira, 2018; IAVE, 2019). Não obstante, os discentes, aquando da realização do questionário, não consideraram como mais difíceis estes conteúdos, mas mostraram ter

⁴ A análise estatística de cada questão está apresentada por taxa de sucesso, inferindo-se a taxa de insucesso a partir desta. Na taxa de insucesso está também contemplado a taxa de não resposta.

muitas dificuldades. Há um contraste entre a percepção que têm do conhecimento e o conhecimento que evidenciam sobre esses conteúdos. Face ao referido, deduzir-se-á que não é reconhecida a dificuldade porque os alunos apresentam muito pouco conhecimento desses conteúdos.

É ainda de sublinhar que, segundo um relatório de provas de avaliação externa (cf. Castanheira, 2015), os alunos apresentam, de uma forma global, resultados mais animadores em conteúdos que são trabalhados desde o 1.º CEB. Contudo, esta realidade não se verifica no presente estudo.

Não obstante, e como se pode, ainda, constatar no gráfico anterior (Figura 1), os alunos manifestaram uma maior facilidade nas tarefas que apelavam à reflexão linguística (veja-se a taxa de sucesso do conteúdo relacionado com a concordância entre o sujeito e o predicado). Este facto não deixa de ser curioso uma vez que este tipo de tarefas, de acordo com os estudos desenvolvidos ao longo dos anos, têm pouco espaço nas aulas de ensino gramatical. Os exercícios que envolvem a mobilização de regras e de estruturas gramaticais, com o necessário reforço da memorização, têm um maior peso nas aulas.

De acordo com os resultados, ao nível do domínio do conhecimento explícito da língua, e das variáveis “Gosto” e “Importância”, relativamente à aprendizagem de conteúdos gramaticais⁵, foram criados os perfis dos inquiridos da investigação: (i) alunos que obtiveram uma pontuação entre 0 e 6 e que apresentaram uma perspetiva menos positiva da Gramática; (ii) alunos que obtiveram uma pontuação entre 0 e 6, mas que manifestaram uma perspetiva mais positiva da Gramática; (iii) alunos que obtiveram uma pontuação entre 7 e 11 e que revelaram uma perspetiva menos positiva da Gramática; (iv) alunos que obtiveram uma pontuação entre 7 e 11 e que evidenciaram uma perspetiva mais positiva da Gramática; e, por último, (v) alunos considerados *outliers* e que apresentaram uma perspetiva positiva da Gramática. Face ao referido, estes perfis permitiram a escolha dos alunos, neste caso dois (um do 5.º e outro do 6.º ano), respetivamente, de cada perfil, para integrarem a próxima fase de recolha de dados.

No que diz respeito ao *focus group*, apresentar-se-á uma breve síntese que resume a análise de conteúdo das respostas dos alunos.

Os inquiridos que pertencem a todos os perfis indicaram a cópia do quadro e a leitura do manual como duas das atividades mais usadas pelo seu professor de Português no ensino de conteúdos gramaticais. Estas seriam também duas práticas de ensino a que os participantes do estudo mais recorreriam caso fossem docentes.

A maioria dos alunos, excetuando o aluno do perfil número um de 6.º ano, apresentou algumas dificuldades na identificação de atividades a que o seu professor de Português recorre no ensino da Gramática. Apesar disso, alunos de quase todos os perfis apresentaram exemplos de atividades de ensino. Algumas destas foram apenas identificadas pelos alunos de 5.º ano e outras pelo grupo de 6.º ano.

Outro dos aspetos referidos foi o facto de a competência gramatical aparecer, aquando das aulas de Português, de forma isolada do trabalho realizado das restantes componentes da sua língua materna. Por esta via, os exercícios são as atividades de ensino mais usadas pelo professor de Português. Esta prática reflete, desta forma, um ensino de natureza transmissiva / dedutiva de conhecimentos gramaticais.

Não sendo possível encontrar contrastes muito significativos entre os perfis, pode-se, todavia, identificar alguns contrastes, tendo como fator de análise o ano de escolaridade.

No que ao 5.º ano diz respeito, os alunos de todos os perfis foram unânimes a indicar a relação da Gramática com as competências da Leitura e da Escrita e a manifestar o seu interesse pela aprendizagem da competência gramatical. Os alunos dos perfis números dois, três e cinco indicaram a leitura, a realização de exercícios e as cópias como atividades que são utilizadas pelos vários docentes nas várias disciplinas, não sendo uma prática exclusiva do seu professor de Português.

Quanto ao 6.º ano, os inquiridos de todos os perfis, excetuando o aluno do perfil cinco, alegaram, contrariamente aos seus colegas de 5.º ano, o seu desinteresse pela aprendizagem de conteúdos gramaticais. Os participantes dos perfis um, dois e quatro concordaram que a articulação da Gramática com a Leitura, a Escrita, potenciando também o aumento de vocabulário, promove o sucesso ao nível da sua aprendizagem escolar.

⁵ Esta fusão, baseada no valor da média das respostas, aconteceu devido ao facto de estas duas variáveis estarem correlacionadas.

Algumas considerações finais

Salientar-se-á, de uma forma geral, alguns aspetos importantes da investigação.

Os alunos conferiram um maior valor à importância que atribuem à Gramática do que ao gosto que sentem por esta competência.

Muitos inquiridos assinalaram uma visão de complementaridade entre a Gramática e as restantes competências do Português, especialmente na Leitura e na Escrita. Todavia, os alunos de quase todos os perfis, aquando do *focus group*, indicaram que as tarefas de Gramática aparecem, nas suas aulas, de forma isolada das outras componentes da sua língua materna.

As opiniões dividiram-se quanto à forma de aprendizagem entre as várias disciplinas: uns alunos consideraram haver semelhanças e outros, diferenças. No entanto, em ambos os casos as práticas de ensino tradicionais dos seus professores, nomeadamente a realização de exercícios, as cópias e a leitura do manual, prevalecem.

Os resultados, francamente insatisfatórios, que os participantes do estudo obtiveram nas questões de conhecimento explícito da língua que apelavam mais à memorização e à mobilização da terminologia gramatical vão ao encontro do que a maioria referiu no questionário: as tarefas de Gramática são, de um modo geral, difíceis.

A motivação para a aprendizagem da Gramática foi também um tema em que não houve concordância: no inquérito por questionário alguns alunos apresentaram o seu interesse por aprender conteúdos relacionados com a Gramática. No *focus group*, todos os alunos de 5.º ano reforçaram esta proposição. Porém, quase todo o grupo de 6.º ano considerou que era desinteressante aprender Gramática, afastando-se das respostas fornecidas no questionário. Não obstante, alguns alunos apontaram no inquérito por questionário a importância da aprendizagem da Gramática, por exemplo, no seu sucesso escolar.

Bibliografia

- Alves, M. (2007). *Como escrever teses e monografias: Um roteiro passo a passo*. Elsevier.
- Bell, J. (2010). *Como realizar um projecto de investigação: Um guia para a pesquisa em Ciências Sociais e da Educação*. Gradiva.
- Buescu, H. C., Morais, J., Rocha, M. R., & Magalhães, V. F. (2015). *Programa e metas curriculares de Português do ensino básico*. Ministério da Educação.
- Cardoso, A. (2008). Desenvolver competências de análise linguística. In O. Sousa & A. Cardoso (Eds.), *Desenvolver competências em Língua Portuguesa* (pp. 138-172). Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Cardoso, A., Pereira, S., Leite, T. & Silva, E. (2018). From initial education to portuguese L1 classroom: Conceptions about teaching and learning grammar. *D.E.L.T.A.*, 34(4), 1019-1043.
- Castanheira, M. T. (Coord.) (2015). *Provas finais – 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico: Relatório nacional – 2010-2014*. IAVE.
- Costa, J., Cabral, A. C., Santiago, A., & Viegas, F. (2011) *Conhecimento explícito da língua: Guião de implementação do Programa de Português do Ensino Básico*. Ministério da Educação - Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Esteves, M. (2006). Análise de conteúdo. In J. A. Lima & J. A. Pacheco (Orgs.), *Fazer investigação: Contributos para a elaboração de dissertações e teses* (pp. 105-126). Porto Editora.
- Ferreira, P. S. (2012). *Concepções e práticas dos professores de Língua Portuguesa em relação ao ensino e à aprendizagem da Gramática: Um estudo exploratório no 2.º ciclo do ensino básico* [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa.
- <http://hdl.handle.net/10400.21/2321>